

À memória de
WILLIAM FOXWELL ALBRIGHT

*em reconhecimento
de uma dívida
de gratidão que jamais
poderá ser paga*

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

É desnecessário dizer que nos sentimos profundamente satisfeitos com a aceitação, de maneira geral favorável, que recebeu a primeira edição deste livro.

Entretanto, pareceu-me óbvio que a segunda edição devia passar por uma revisão cuidadosa, a fim de que o livro continuasse a ser útil aos estudantes, para os quais fora originalmente escrito. Qualquer tratamento da história de Israel deverá inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, desatualizar-se, em virtude das novas descobertas que se fazem continuamente e das novas e relevantes luzes que tais descobertas lançam sobre diversos pontos. Sem esta revisão criteriosa que levasse em consideração todas as aquisições modernas, o livro terminaria por ficar totalmente obsoleto.

Foi o que aconteceu com este livro. O progresso das descobertas e pesquisas foi extraordinariamente rápido desde que apareceu a primeira edição. E embora não tivesse sido descoberto nada que me levasse a alterar meus pontos de vista e minhas apreciações, quanto à essência, todo esse material trouxe novas informações que obrigam a correções e retificações num ponto ou noutro. Apareceram também novas luzes que não me deixam mais completamente satisfeito com o que escrevi em diversas partes. Por isso é que julguei imperativo fazer uma revisão completa de todo o livro.

A segunda edição segue totalmente o modelo e o padrão da primeira. Foram feitas, naturalmente, correções onde se exigiam maiores informações.

Reescrevi completamente várias seções e diversos parágrafos à luz das discussões recentes e de novos critérios que essas discussões me fizeram aceitar.

Além disso, embora o critério com relação às notas permaneça o mesmo, fiz todo o esforço possível para atualizá-las, de acordo com a literatura mais recente.

Mas, como o leitor poderá notar, o esquema do livro continua o mesmo e seus pontos de vista gerais permanecem fundamentalmente inalterados.

Resisti, sobretudo, à tentativa de aumentar o livro, introduzindo, por exemplo, debates técnicos em diversas partes. Poderia, igualmente, ter levado

a história aos primeiros séculos do Cristianismo. Mas, se o fizesse, o livro ficaria inconvenientemente volumoso, prejudicando assim a sua utilidade.

O livro dirigia-se originalmente ao estudante de Teologia ainda não formado, e a segunda edição ateve-se rigorosamente a esta finalidade.

Sinto-me na obrigação de expressar meus sinceros agradecimentos a vários amigos, especialmente ao Prof. G. Ernest Wright, que me animou a empreender a revisão e tanto me ajudou com suas preciosas sugestões para melhorar este livro.

Meus agradecimentos mais sinceros, uma vez mais, à Sra. F. S. Clark pela sua ajuda, desinteressada e eficiente como sempre, na preparação dos originais. A sua colaboração tornou o meu trabalho muito menor e muito mais fácil.

Finalmente devo agradecer à minha esposa pela revisão das provas e pela preparação dos índices, e em tolerar minha quase completa invisibilidade e má disposição durante todo o tempo em que trabalhava nesta obra.

J. B.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Acho desnecessário justificar uma obra sobre a história de Israel. Em virtude da maneira íntima como a mensagem do Antigo Testamento está relacionada com acontecimentos históricos, o conhecimento da história de Israel torna-se essencial para a sua devida compreensão. Quando comecei a escrever este livro, há vários anos, não havia em língua inglesa nenhuma história de Israel que se pudesse considerar satisfatória. Era uma maneira padronizada de tratar o assunto já envelhecida de mais de vinte e cinco anos. Os manuais mais recentes apresentavam pontos de vista antiquados e eram insuficientemente compreensivos para satisfazer às exigências de um estudante mais sério da Bíblia. Minha única intenção ao pôr mãos à obra era o desejo de satisfazer tal necessidade. O fato de neste ínterim aparecerem diversas obras em boas traduções (particularmente o livro de Martin Noth) levou-me mais de uma vez quase a desistir da empresa. Mas porque o presente livro difere notavelmente, na sua maneira de tratar o assunto, da obra de Noth, e em muitíssimos pontos, é que mantive a minha decisão. Embora o leitor veja logo pelas notas quanto eu aprendi com Noth, ele notará também, sobretudo no que se refere às tradições e à história do Israel primitivo, uma dessemelhança fundamental entre o livro de Noth e este.

A extensão deste livro foi determinada em parte por considerações de espaço, e em parte pela natureza do assunto. A história de Israel é a história de um povo que começou a existir em determinada época como uma liga de tribos unidas em aliança com Iahweh. Posteriormente, esta liga de tribos passou a existir como uma nação, em seguida como duas nações, e finalmente como uma comunidade religiosa. Esta comunidade religiosa sempre se distinguiu no seu meio ambiente como uma entidade cultural distinta. O fator característico que fez de Israel um fenômeno peculiar, que criou a sua sociedade e era um fator controlador de sua história foi naturalmente a religião. Por isso é que a história de Israel é um assunto inseparável da história da religião de Israel. Por essa razão procuramos, tanto quanto o espaço nos permitia, atribuir aos fatores religiosos o seu devido lugar dentro dos acontecimentos políticos e

paralelamente a eles. Embora a história de Israel só comece propriamente com a formação do povo israelita no século XIII, nós preferimos, diferentemente de Noth e por razões aduzidas em outra parte, começar nossa história com a migração dos antepassados de Israel, alguns séculos antes. Isso porque geralmente se crê que a pré-história de um povo, até onde puder ser reconstituída, faz de fato parte de sua história. O Prólogo não é parte da história de Israel e só o escrevemos para fornecer ao estudante a perspectiva da qual, segundo minha experiência, ele geralmente carece. As razões de terminar no período final do Antigo Testamento serão explicadas longamente no Epílogo.

Resolvi terminar aí em parte pela premência de espaço, e em parte pelo fato de concluir aproximadamente quando a fé de Israel estava assumindo a forma da religião conhecida como Judaísmo. Como a história de Israel, depois desta época, torna-se efetivamente a história dos judeus e como a história dos judeus continua até hoje, cremos que a transição para o Judaísmo forneça um ponto final lógico.

Espero que este livro seja útil a um amplo círculo de leitores incluindo todos os estudantes sérios da Bíblia, quer a estudem em particular, quer em grupos, quer em aulas, nas igrejas ou nas escolas. Além disso, este livro foi escrito tendo em mente as necessidades particulares do estudante de teologia ainda não formado. Não pressupomos nenhum conhecimento anterior particular, nem detalhes da história bíblica, nem da história geral do antigo Oriente. A finalidade que nos propusemos foi ser o mais claro possível sem contudo cair numa supersimplificação. Mesmo assim, como é provavelmente inevitável, procurando-se cobrir tanto dentro de limitações de espaço tão severas, mais de uma vez fiquei preocupado, devendo tratar sumariamente assuntos que exigiam discussões mais demoradas. Num trabalho desta natureza acho que não se pode evitar tais inconvenientes. Fizemos constantes referências bíblicas no texto, na esperança de que o estudante consulte continuamente sua Bíblia.

Uma história de Israel não substitui absolutamente a leitura da Bíblia. É um subsídio para esta leitura. Escolhemos uma bibliografia somente em inglês para ajudar o estudante em estudos posteriores. Com referência a obras em outras línguas, o leitor deve reportar-se às notas de rodapé. Estas notas, é certo, não pretendem ser uma documentação completa. Elas têm apenas a dupla finalidade de orientar o estudante mais adiantado com respeito a outras obras, e de indicar que obras, positiva ou negativamente, contribuíram para a formação do meu pensamento. O leitor notará, sem dúvida, que fazemos muito mais referências às obras do Prof. W. F. Albright do que às obras de qualquer outro estudioso. E assim é que deveria ser. A ninguém devo tanto quanto a ele, e o reconheço publicamente, esperando que nada do que escrevi

aqui lhe cause embaraço.

Supomos que o estudante possuirá um atlas bíblico e o usará constantemente. Recomendo de modo especial o *Atlas Histórico da Bíblia de Westminster*. Por isso é que omiti aqui a descrição costumeira das terras bíblicas, assim como a discussão deste ou daquele cenário, a não ser que julgue de vital necessidade para o ponto em causa. As citações bíblicas foram tiradas da Revised Standard Version.* Nas notas, o critério seguido foi citar a obra por extenso quando ela aparece pela primeira vez em cada capítulo, mesmo se a obra em questão já tenha sido citada num capítulo anterior. A abreviatura *op. cit.* sempre se refere a uma obra citada anteriormente no mesmo capítulo, exceto se for citada neste livro mais de uma obra do mesmo autor.

Os nomes dos personagens bíblicos são apresentados de acordo com a *Revised Standard Version*; e os topônimos bíblicos, em sua maior parte, foram colhidos na obra *The Westminster Historical Atlas to the Bible*. **

Quero expressar aqui a minha profunda gratidão às pessoas que me ajudaram durante a elaboração desta obra. De modo todo especial, os meus agradecimentos ao Professor Albright, que leu grande parte de meus originais e fez valiosas observações. Acho que, se não fosse seu interesse pela obra e se não fosse seu estímulo, eu teria provavelmente desistido. Desejo também externar a minha gratidão ao Prof. G. Ernest Wright e ao Dr. Thorir Thordarson, que leram partes dos originais e me fizeram valiosas sugestões. As falhas da obra são todas minhas. Se não tivesse recebido a ajuda destas pessoas e de muitas outras, haveria muito mais falhas em todo o livro.

Devo igualmente agradecer à Sra. F. S. Clark, cujo auxílio extraordinariamente eficiente de digitação facilitou extremamente o trabalho da correção das provas, uma vez que os originais foram digitados com a maior perfeição. Ela também me ajudou na preparação dos índices. Finalmente, meu muito obrigado à minha esposa, que conferiu todas as provas, ajudou na preparação dos índices, e, sobretudo, foi de uma paciência a toda a prova durante todo o tempo que durou a elaboração desta obra.

* Na tradução, usou-se a Bíblia de Jerusalém – Nota do Revisor.

** Na tradução, nomes e topônimos tirados da Bíblia de Jerusalém – Nota do Revisor.

ABREVIATURAS

AASOR	<i>Annual of the American Schools of Oriental Research</i>
AB	<i>The Anchor Bible</i> , W. F. Albright (†) e D. N. Freedman, eds. (New York: Doubleday)
AJA	<i>American Journal of Archaeology</i>
AJSL	<i>American Journal of Semitic Languages and Literatures</i>
ANEH	W. W. Hallo e W. K. Simpson, <i>The Ancient Near East: A History</i> (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971)
ANEP	J. B. Pritchard, ed., <i>The Ancient Near East in Pictures</i> (Princeton University Press, 1954)
ANET	J. B. Pritchard, ed., <i>Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament</i> (Princeton University Press, 1950).
ANE	Suppl. J. B. Pritchard, ed., <i>The Ancient Near East: Supplementary Texts and Pictures Relating to the Old Testament</i> (Princeton University Press, 1969)
AOTS	D. Winton Thomas, ed., <i>Archaeology and Old Testament Study</i> (Oxford: Clarendon Press, 1967)
AP	W. F. Albright, <i>The Archaeology of Palestine</i> (Penguin Books, 1949; ed. rev., 1960)
ARI	W. F. Albright, <i>Archaeology and the Religion of Israel</i> (5. ^a ed., Doubleday Ancor Book, 1969)
ASTI	<i>Annual of the Swedish Theological Institute</i>
ATD	<i>Das Alte Testament Deutsch</i> , V. Hertrich (†) e A. Weiser, eds. (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht)
AVAA	A. Scharff e A. Moorgat, <i>Ägypten und Vorderasien in Altertum</i> (Munich: F. Bruckmann, 1950)
BA	<i>The Biblical Archaeologist</i>
BANE	G. E. Wright, ed., <i>The Bible and the Ancient Near East</i> (New York: Doubleday, 1961)
BAR	G. E. Wright, <i>Biblical Archaeology</i> (Philadelphia: Westminster Press; London: Gerald Duckworth, 1962)
BA	<i>Rev. Biblical Archaeology Review</i>
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
BJRL	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
BKAT	<i>Biblischer Kommentar, Altes Testament</i> , M. Noth (†), S. Herrmann e H. W. Wolff, eds. (Neukirchener Verlag)
BP	W. F. Albright. <i>The Biblical Period from Abraham to Ezra</i> (ed. rev., Harper Torchbook, 1963)
BWANT	<i>Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament</i> (Stuttgart: W. Kohlhammer)

BZAW	Beihefte zur <i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
CAH	I. E. S. Edwards, C. J. Gadd, e N. G. L. Hammond, eds., <i>The Cambridge Ancient History</i> (ed. rev., Cambridge University Press)
CBQ	<i>The Catholic Biblical Quarterly</i>
ConBOT	<i>Coniectanea biblica: Old Testament Series</i>
EB	Early Bronze Age
EHI	R. De Vaux, <i>Early History of Israel</i> (Trad. Ingl, London: Darton, Longman & Todd; Philadelphia: Westminster Press, 1978)
EI	John Bright, <i>Early Israel in Recent History Writing: A Study in Method</i> (London: SCM Press, 1956)
ET	<i>The Expository Times</i>
EvTh	<i>Evangelische Theologie</i>
FRLANT	<i>Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments</i> (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht)
FSAC	W. F. Albright, <i>From the Stone Age to Christianity</i> (2. ^a ed., Doubleday Anchor Book, 1957)
GVI	R. Kittel, <i>Geschichte des Volkes Israel</i> (Stuttgart: W. Kohlhammer; Vol. I, 7. ^a ed., 1932; Vol. II, 7. ^a ed., 1925; Vol. III, 1. ^a e 2. ^a eds., 1927-1929)
HAT	<i>Handbuch zum Alten Testament</i> , O. Eissfeldt, ed. (Tübingen: J. C. B. Mohr)
HI	M. Noth, <i>The History of Israel</i> (Trad. ingl., 2. ^a ed., London: A. & C. Black; New York: Harper & Brothers, 1960)
HO	B. Spuler, ed., <i>Handbuch der Orientalistik</i> (Leiden: E. J. Brill)
HSM	<i>Harvard Semitic Monographs</i>
HSS	<i>Harvard Semitic Studies</i>
HTR	<i>Harvard Theological Review</i>
HUCA	<i>The Hebrew Union College Annual</i>
IB	<i>The Interpreter's Bible</i> , G. A. Buttrick, ed. (Nashville: Abingdon Press, 1951-1957)
ICC	<i>The International Critical Commentary</i> (Edimburgo: T. & T. Clark; New York: Charles Scribner's Sons)
IDB	<i>The Interpreter's Dictionary of the Bible</i> , G. A. Buttrick, ed. (Nashville: Abingdon Press, 1962)
IDB	Suppl. <i>Supplementary volume to the foregoing</i> , K. Crim, ed. (Nashville: Abingdon Press, 1976)
IEJ	<i>Israel Exploration Journal</i>
IJH	J. H. Hayes e J. M. Miller, eds., <i>Israelite and Judaeon History</i> (OTL, 1977)
JAOS	<i>Journal of the American Oriental Society</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>
JBR	<i>Journal of Bible and Religion</i>
JCS	<i>Journal of Cuneiform Studies</i>
JEA	<i>Journal of Egyptian Archaeology</i>
JNES	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
JPOS	<i>Journal of the Palestine Oriental Society</i>
JQR	<i>Jewish Quarterly Review</i>
JR	<i>Journal of Religion</i>
JSOT	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
JSOT	<i>Sup Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series</i>
JSS	<i>Journal of Semitic Studies</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>

KS	A. Alt, <i>Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel</i> (Munich: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung; Vols. I e II, 1953; Vol. III, 1959)
LOB	Y. Aharoni, <i>The Land of the Bible: A Historical Geography</i> (Trad. ingl., London: Burns & Oates; Philadelphia: Westminster Press, 1967)
LXX	A Septuaginta (= 70), a versão Grega do Antigo Testamento
Mag.Dei	F. M. Cross, W. E. Lemke e P. D. Miller, eds., <i>Magnalia Dei: Essays on the Bible and Archaeology in Memory of G. Ernest Wright</i> (New York: Doubleday, 1976)
OBO	<i>Orbis biblicus et orientalis</i>
OBT	<i>Overtures to Biblical Theology</i>
OTL	<i>The Old Testament Library</i> , P. R. Ackroyd, J. Barr, B. W. Anderson, J. Bright, eds. (Philadelphia: The Westminster Press; London: SCM Press)
OMTS	H. H. Rowley, ed., <i>The Old Testament and Modern Study</i> (Oxford: Clarendon Press, 1951)
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
POTT	D. J. Wiseman, ed., <i>Peoples of Old Testament Times</i> (Oxford: Clarendon Press, 1973)
PJB	<i>Palästinajahrbuch</i>
RA	<i>Revue d'Assyriologie</i>
RB	<i>Revue Biblique</i>
RHR	<i>Revue de l'histoire des religions</i>
SAM	<i>Sheffield Archaeological Monographs</i>
SBT	<i>Studies in Biblical Theology</i>
SBTS	<i>Sources for Biblical and Theological Study</i>
SHCANE	<i>Studies in the History and Culture of the Ancient Near East</i>
SJOT	<i>Scandinavian Journal of the Old Testament</i>
SWBAS	<i>The Social World of Biblical Antiquity Series</i>
ThLZ	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
ThZ	<i>Theologische Zeitschrift</i>
VT	<i>Vetus Testamentum</i>
WMANT	<i>Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament</i> (Neukirchener Verlag)
YGC	W. F. Albright, <i>Yahweh and the Gods of Canaan</i> (University of London: The Athlone Press; New York: Doubleday, 1968)
ZAW	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
ZDMG	<i>Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft</i>
ZDPV	<i>Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins</i>
ZNW	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
ZThK	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE ISRAEL DE JOHN BRIGHT

William P. Brown

“Uma história de Israel que não seja de alguma maneira também uma história de sua fé não é nem significativa nem possível.”¹

QUESTÕES DA HISTÓRIA! Este mote capta bem o conteúdo e a substância do livro de John Bright. Por pelo menos vinte e sete anos *História de Israel* foi um texto modelo entre as principais escolas teológicas e seminários do país. Sua influência nas gerações anteriores e atuais de estudantes de teologia é inestimável. Traduzida para o alemão, espanhol, coreano e indonésio, o trabalho magistral de Bright continua a ser largamente utilizado, tendo atingido uma venda total superior a 100.000 cópias desde a publicação de sua primeira edição em 1959.

As razões para o sucesso do livro são claras. A facilidade com a qual Bright uniu a Escritura, a arqueologia e a história do antigo Oriente Próximo permanece insuperável no gênero. A confiança crítica de Bright na estrutura histórica da tradição bíblica tornou seu trabalho útil não somente para o estudo da história antiga, mas também para o estudo da literatura do Antigo Testamento. De modo mais significativo, Bright tomou seriamente a formação teológica de Israel; ele considerou a fé de Israel como um fator determinante na formação de sua identidade na história. O foco de Bright sobre a fé de Israel indicou, de modo mais amplo, sua convicção de que a história constitui a arena da revelação e da teologia. Finalmente, o estilo vivo com que Bright escreve torna a leitura estimulante.

Por tudo isso, estudiosos atuais consideraram metodologicamente falha e teologicamente parcial (veja o apêndice) a força do texto de Bright em seu poder de provocar reflexão teológica a partir do campo da investigação histórica. Mesmo um opositor recente do método de Bright admite que este clássico continua a ser “o modelo pelo qual a próxima geração de livros pode ser avaliada”.²

¹John Bright, *Early Israel in Recent History Writing: A Study in Method* (London: SCM Press, 1956), p. 21.

²Kurt L. Noll, “Looking on the Bright Side of Israel’s History: Is There Pedagogical Value in a Theological Presentation of History?” (*Biblical Interpretation*, 7, 1999, p. 27).

Devido a sua ampla cobertura de dados históricos e material bíblico, bem como a sua visão teológica, o livro de Bright permanece como um exemplo no gênero do relato histórico.

A. BRIGHT POR TRÁS DO LIVRO

John Bright recebeu seu treinamento teológico no mesmo lugar onde ocupou seu único posto como educador em tempo integral — no Union Theological Seminary, na Virgínia. Nascido em Chatanooga, Tennessee e educado na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, Bright conseguiu seu grau de bacharel no Union Theological Seminary, em 1931. Ensinando línguas bíblicas, Bright passou os 4 anos seguintes em sua escola para adquirir seu mestrado. Denotando pouco interesse na história, sua tese “A Psychological Study of the Major Prophets” (1933)³ ajudou a cultivar seu interesse pelos profetas ao longo de sua vida.⁴

O inverno de 1931-32 foi significativo para a carreira de Bright. Dr. Melvin G. Kyle do Seminário de Pittsburg-Xenia, um palestrante convidado no Union Theological Seminary, conheceu o jovem Bright e ofereceu-lhe a oportunidade de acompanhá-lo na quarta e última expedição arqueológica em Tell Beit Mirsim, liderada por William Foxwell Albright, da Universidade John Hopkins. Lá ele conheceu o renomado Albright, por quem ele foi “completamente influenciado”,⁵ e sua carreira de pesquisador começou a ser traçada. Ele encontrou-se com Albright novamente na Palestina em 1935 na escavação de Betel durante a qual seu mentor apresentou uma solução para um complexo problema arqueológico (veja abaixo).⁶ Naquela oportunidade, John Bright e G. Ernest Wright ficaram conhecidos como “os gêmeos do ouro em pó”.⁷

No final de 1935, Bright iniciou o programa de doutorado na Universidade John Hopkins para estudar sob a orientação de Albright e foi apresentado a uma nova e distinta abordagem americana à pesquisa bíblica.⁸ Quando

³Em seus últimos anos, Bright preferiu que seu trabalho fosse retirado da biblioteca do Union Theological (Kending B. Cully, “Interview with John Bright: Scholar of the Kingdom” [*The Review of Books and Religion*, 11/4 (1983), p.4].

⁴Veja John Bright, *Jeremiah: A Commentary* (AB 21; Garden City, N.Y.: Doubleday, 1965). Enquanto afirmava a profecia israelita como um fenômeno historicamente único, Bright valorizava Jeremias também a partir de uma perspectiva existencial ampla. Além disso, a última monografia de Bright, sem contar a terceira edição de seu livro, focaliza sobre os insights teológicos e morais dos profetas do séculos VIII e VII: *Covenant and Promise: The Prophetic Understanding of the Future in Pre-Exilic Israel* (Philadelphia: Westminster, 1976).

⁵Leona G. Running e David Noel Freedman, *William Foxwell Albright: A Twentieth Century Genius* (New York: Morgan, 1975), p. 162.

⁶*Ibid.*, pp. 187-188.

⁷*Ibid.*, p. 186.

⁸Albright referiu-se à revolução na pesquisa bíblica que ele tinha provocado como a “escola de Baltimore”, a fim de desviar a atenção de si mesmo. Com referência à história desta “escola”, veja Burke O. Long, *Planting and Reaping Albright: Politics, Ideology, and Interpreting the Bible* (University Park, Penn.: The Pennsylvania State University Press, 1977), pp. 15-70.

Bright tornou-se seu aluno, Albright estava transformando sozinho o foco e o método da pesquisa bíblica.

Albright foi como um pai para John Bright, como foi para muitos de seus alunos. Quando Bright decidiu abandonar o programa por falta de recursos financeiros e dificuldades com o rigor do treinamento filológico, Albright generosamente lhe ofereceu um empréstimo, o qual Bright não pôde aceitar.⁹ Sendo de fato um pregador, Bright por algum tempo sentiu-se chamado para o ministério pastoral e aceitou o convite para ser pastor assistente da 1.^a Igreja Presbiteriana de Durham, na Carolina do Norte. Mas a experiência não durou muito, e ele encontrou-se novamente lutando com as complexidades da filologia semítica e da arqueologia palestinese depois de organizar os meios necessários para reassumir seus estudos na John Hopkins, tudo enquanto pastoreava a Igreja Presbiteriana de Catonsville, em Baltimore.

Em 1940, Bright terminou seu doutorado com a tese “The Age of King David: A Study in the Institutional History of Israel”.¹⁰ Um posto estava esperando por ele no Union Theological Seminary, onde, na graduação, ele foi indicado para a cadeira de Cyrus H. McCormick, de Hebraico e Interpretação do Antigo Testamento, que ele ocupou de 1940 até a sua aposentadoria. Sua bem-sucedida carreira como professor foi interrompida somente uma vez, quando serviu o exército como capelão do exército americano durante a 2.^a Guerra Mundial (1943-46). A carreira de professor de Bright foi tão produtiva quanto influente. Ensinando no Union Theological Seminary durante toda a sua carreira, Bright conquistou renome internacional como pesquisador, professor e pregador.¹¹ Bright aposentou-se em 1975 e morreu em 26 de março de 1995, em Richmond.

Foi aproximadamente no meio de sua carreira como professor que Bright terminou a primeira edição de *História de Israel* (1959), que ele dedicou a Albright. Tinha sido um trabalho vocacional de conteúdo variado. Por iniciativa de Wright e Albright, a Editora Westminster convidou Bright para desenvolver um livro de história dirigido a estudantes de teologia. O primeiro desejo de Bright foi o de recusar. Naquela época, ele se considerava muito menos historiador *per se* do que um teólogo comprometido com a vida da Igreja. Mas, com o encorajamento de Albright, Bright relutantemente aceitou a tarefa e iniciou-a desenvolvendo um prolegômeno, *Early Israel in Recent*

⁹Running e Freedman, *William Foxwell Albright*, p. 197.

¹⁰Veja também Bright, “The Age of king David: A Study in the Institutional History of Israel” (*Union Seminary Review*, 53, 1942, pp. 87-109).

¹¹Para uma lista completa dos trabalhos publicados de Bright até a sua aposentadoria, veja “Bibliography”, *Interpretation*, 1975, pp. 205-298.

History Writing (1956; citado como EI).¹² Tanto este trabalho quanto o livro publicado três anos depois, refletem a marca de seu mentor. Entretanto, o que é distintivo em sua *História de Israel* pode ser atribuído somente a Bright. Como ele admitiria trinta e um anos depois: “Eu nunca progredi longe de Albright, mas acrescentei outras coisas. Acrescentei um interesse pela teologia bíblica”.¹³

B. MÉTODO

Em seu *Early Israel*, Bright buscou um método que pudesse render uma “descrição satisfatória” da história antiga de Israel (EI, 12). Esse retrato tinha de levar em conta a fé de Israel como uma força socialmente determinadora em sua identidade histórica:

O que é que fez de Israel, Israel? O que o fez diferente de seus vizinhos?... Não foi a língua, nem o habitat, não foi só a experiência histórica, nem a cultura material — mas a fé. Israel foi um povo que se tornou um povo precisamente por causa de sua fé. A história de Israel, por isso, não é a história de uma Liga de Doze Clãs nem de uma nação; é a história de uma fé e de seu povo (EI, 114).

Bright estava convencido de que um apanhado completo sobre a identidade do Israel antigo requereria não somente um rigoroso método histórico, mas também sensibilidade para com a religião de Israel. Somente com ambos se poderia conseguir uma descrição satisfatória e completa das origens de Israel, um retrato que levasse a uma resposta compreensiva para a questão sobre a identidade de Israel. Para Bright, a tela onde foi pintada essa “descrição satisfatória” das origens de Israel consistia de um estudo arqueológico e comparativo, mas os traços mais fortes tiveram de vir da mão de alguém intimamente familiarizado com o testemunho bíblico.

Medir a credibilidade da reconstrução histórica de acordo com níveis de “satisfação” pode levantar sérias questões entre historiadores contemporâneos. Na época, Bright não estava preocupado com satisfação pessoal ou espiritual em sua reconstrução do passado de Israel. Sua preocupação era cumprir com sucesso os critérios adequados ao estudo da história e da religião de Israel. Esse foco está bem ilustrado em sua avaliação crítica dos dois principais estudos de sua época.

¹²A primeira grande monografia de Bright foi *The Kingdom of God: The Biblical Concept and Its Meaning for the Church* (New York/Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1953), um trabalho teológico não técnico ainda que historicamente sensível.

¹³Citação de Noll, “Looking on the Bright Side”, p. 3, n. 10.

Bright achou distintamente insatisfatório o trabalho do estudioso alemão Martin Noth (Universidade de Bonn). Devido à adesão radical a uma crítica tradicional histórica presente no livro histórico de Noth, Bright considerou-o hiper-crítico e de pouco alcance.¹⁴ O método de Noth, na opinião de Bright, é regido quase que por um foco exclusivo sobre “a história política e institucional de Israel” em detrimento da explicação da fé de Israel. “A fé não era a principal força motriz na história de Israel, mesmo em eventos políticos? Então relegar esta fé às extremidades da pintura de Israel não seria deixá-la fora de proporção?” — Bright provoca (EI, 35). Finalmente, Bright chega perto de acusar Noth de uma falta de nervos.

Além disso, Bright também acha “insatisfatório” o trabalho do estudioso judeu Yehezkel Kaufmann.¹⁵ Embora Kaufmann ofereça um “saúdavel contraste ao nihilismo” da abordagem de Noth (EI, 64), seu monumental trabalho sofre de um comando insuficiente e de lógica incompreensível acerca da evidência arqueológica. Ao mesmo tempo que admite que Kaufmann pode estar “mais correto” que Noth em muitos pontos, Bright acha que o modo de argumentação de Kaufmann não é convincente *ad hominem* em sua caricatura da erudição alemã. Bright alega que a posição de Kaufmann divulga uma leitura literal dos livros históricos, “um ‘dito’ virtual” da narrativa de Josué, que é aceita em seu valor aparente” (EI, 72). O resultado foi um retrato igualmente *insatisfatório*. Em resumo, uma eloquente argumentação, uma familiaridade com a cultura material do antigo Oriente Próximo e uma sensibilidade teológica são, para Bright, ingredientes essenciais para uma “descrição plenamente satisfatória” da História de Israel.

Com o ceticismo por um lado e o literalismo por outro, Bright forja uma base meio metodológica, uma abordagem de senso comum que coloca a pesquisa arqueológica na linha de frente da pesquisa histórica. De modo negativo, os resultados da “arqueologia palestinese” servem como um “controle objetivo” para determinar a historicidade das tradições bíblicas e uma checagem na tentativa de usar a arqueologia como uma ferramenta apologética (EI, 13-15,29). A arqueologia pode também ajudar a determinar o real objetivo de um evento histórico registrado nas Escrituras.¹⁶ Um exemplo claro disso é a falta de complementaridade das tradições bíblicas a respeito

¹⁴M. Noth, *Geschichte Israels* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1950). O texto de Noth foi inteiramente revisado em 1956 e tem sido reimpresso numerosas vezes desde então. A tradução inglesa padrão da Segunda edição é *History of Israel* (2.a ed.; New York: Harper & Row, 1960).

¹⁵Y. Kaufmann, *The Biblical Account of the Conquest of Palestine* (Jerusalem: The Magnes Press, 1953). Bright também observa o sétimo volume não traduzido de Kaufmann, *History of the Israelite Religion: From the Beginning to the End of the Second Temple* (Tel Aviv: Institute-Dvir, 1937-48). Veja o último resumo em inglês de Moshe Greenberg, *The Religion of Israel: From Its Beginnings to the Babylonian Exile* (Chicago: University of Chicago Press, 1960).

¹⁶Veja discussão similar em G. Ernst Wright, *Biblical Archaeology* (Ed. rev.; Philadelphia: Westminster, 1962, pp. 17-18).

da invasão feita pelo faraó Sesac descrita em 1 Reis 14,25-28, que limita o ataque do faraó somente a Jerusalém. A própria inscrição de Sesac em Karnak, entretanto, lista mais de 150 lugares que ele conquistou. Essa evidência extrabíblica “deixa-nos ver o verdadeiro objetivo da invasão”¹⁷ (1.214). Outro exemplo é o relato desdenhoso e por demais lacônico sobre o reinado de Amri (1 Reis 16,23-28). Evidências arqueológicas e epigráficas indicam, de fato, a “grande habilidade” de Amri como governante¹⁸ (1.222).

Além disso, ao estabelecer controles na pesquisa bíblica, a evidência material pode desempenhar papel decisivo em distinguir antigas comunidades na Palestina:

Quanto à evidência da conquista israelita, seria a arqueologia realmente inútil como Noth a concebia? Ela não pode relatar uma ocupação filisteia a partir de uma ocupação israelita anterior? Ou uma ocupação da Idade do Bronze recente a partir da Idade do Ferro antiga cananeia? Essa evidência não pode contar se houve uma apreciável lacuna entre a destruição e a re-ocupação? É, então, a arqueologia incapaz de distinguir uma destruição da Idade de Amarna daquela nas mãos dos filisteus e distinguir ambas de uma destruição ocasionada por Israel...? (EI, 88).

Embora exagere o caso (ver Apêndice), Bright admite completamente que a arqueologia oferece apenas evidência circunstancial, um testemunho indireto do passado de Israel. No entanto, este campo especializado de investigação pode desempenhar um papel decisivo no “equilíbrio das probabilidades”, o que é tudo o que um historiador espera alcançar (EI, 83, 89). Ademais, a arqueologia pode pender a balança a favor de uma confiança na historicidade da tradição bíblica mais do que se pode suspeitar. Como Bright diz em *História de Israel*, “certamente a Bíblia não precisa exigir imunidade de um método histórico rigoroso, mas deve-se confiar nela para que resista ao escrutínio a que outros documentos da história são submetidos” (1.61). Mas Bright não pode considerar-se parte desinteressada no ato da investigação histórica: “de minha parte, eu não estou entre aqueles que estão inclinados a desdenhar diante de uma reverência às Escrituras, ou aqueles que levemente desmerecem a historicidade de suas tradições” (EI, 28). Bright assume a tarefa admitindo a si mesmo como um crente, particularmente um presbiteriano, alguém que não é nem “um crédulo nem um cético profissional” a respeito do testemunho bíblico (EI, 124).

¹⁷Referências ao livro de Bright serão identificadas somente pela edição e pelo número da página.

¹⁸Mais complexas são as reconstruções históricas discutidas nos dois excursos que estruturam a segunda metade do livro de Bright: a(s) campanha(s) de Senaqueribe contra Jerusalém (1.282-287) e a ordem cronológica de Neemias e Esdras (1.375-386). Ambas as discussões mostram o judicioso caminho pelo qual Bright equilibra o testemunho bíblico e a evidência comparativa.